Efeitos da pandemia da COVID 19 sobre o abastecimento alimentar de Porto Alegre e do Território do Litoral Norte do Rio Grande do Sul (Brasil) e o papel da agroecologia

Effects of the Covid 19 pandemic on food supply in Porto Alegre and the North Coast Territory of Rio Grande do Sul (Brazil) and the role of agroecology.

TAVARES, Karen Isabel Sotero[1]; SABOURIN, Eric[2]
[1] UFSC, karen.ist@grad.ufsc.br; [2] CIRAD, eric.sabourin@cirad.fr

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo
O presente trabalho apresenta o impacto da pandemia Covid 19 no abastecimento de produtos orgânicos e agroecológicos, na região de Porto Alegre e do Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A organização dos trabalhadores desse setor mostrou que a resiliência de um sistema agroalimentar agroecológico, permite sua continuidade mesmo em situações extremas, como no caso da pandemia da Covid 19. Por meio de entrevistas com atores da produção e do abastecimento alimentar foram identificados os impactos e as alternativas implementadas para manter o fornecimento. Destacam-se a organização dos produtores e fornecedores na montagem de cestas, para abastecer as feiras e escolas, e a utilização de mercados digitais, para comunicar as vendas e as distribuições. Os resultados mostram a capacidade de resposta e de adaptação dos mercados locais e das organizações da agricultura familiar no setor alimentar, mesmo quando as políticas públicas federais e estaduais foram reduzidas.
Palavras-chave: alimentos agroecológicos; produtos orgânicos; mercados locais; agricultura familiar; mercados digitais.
Keywords: agroecological food; organic products; local markets; family farming; digital markets

Introdução

As medidas restritivas adotadas no período mais crítico da pandemia da Covid 19, para barrar a dispersão do vírus, alteraram a comercialização de alimentos em feiras e sua distribuição em escolas (Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE). Nesse contexto, o objetivo do estudo foi caracterizar os impactos da pandemia Covid 19 no abastecimento alimentar no território do Litoral Norte e as inovações dos atores da agroecologia e produção orgânica. Este trabalho foi realizado em estágio final de intercâmbio (Brasil France Ingénieur Tecnologia - BRAFITEC) nos projetos “Transições Agroecológicas para Sistemas Alimentares Sustentáveis: argumentos a favor de políticas públicas” (TAFS) e “Cooperação após a pandemia Covid 19” (CoMPAR) realizados no “Centro de cooperação internacional em pesquisa agronômica para o desenvolvimento” (CIRAD- França) em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Metodologia

A pesquisa de campo foi realizada na região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, composta por 23 municípios, 7.115,5 km² e 323.112 habitantes, dos quais 83% residem na área urbana e 17% na rural. Praticamente a metade da população vive em quatro municípios – Capão da Canoa (54.051); Tramandaí (52.632); Osório (46.414) e Santo Antônio da Patrulha (43.171) enquanto 11 municípios apresentam uma população de menos de 10 mil habitantes (Niederle et al 2021). A região é caracterizada pela existência de um número significativo de agricultores familiares, que a partir da década de 1980 passaram a adotar princípios da agroecologia e da produção orgânica, em resposta à crise econômica causada pelo efeito da modernização da agricultura brasileira (MARTINS, 2020).

A metodologia associou duas etapas: 40 entrevistas no Litoral Norte realizadas pela equipe da UFRGS e parcialmente tratadas pela autora em 2022 durante um estágio no CIRAD. As entrevistas ocorreram em novembro de 2021 e abril de 2022. Foram entrevistados produtores orgânicos e agroecológicos, representantes da Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas (COOMAFITT); da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER de Maquiné); do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Antônio da Patrulha (STR-SAP); da Cooperativa de Consumo e Comercialização dos Pequenos Produtores Rurais do Litoral Norte (COOPVIVA); do Centro Ecológico de Torres; da Cooperativa de Consumidores de Produtos Ecológicos Três Cachoeiras (COOPET) e da rede de supermercados *Super da Praia* em Terra de Areia.

Resultados e Discussão

A agroecologia surgiu nesse território como dinâmica de resistência à exclusão social e mostrou-se um caminho de permanência de famílias agricultoras, em resposta a um processo de desestruturação econômica e social de comunidades rurais locais, no fim da década de 1980 (MARTINS, 2020). Inicialmente a transição ecológica foi centrada na produção de banana, que desde o ano 2000 está associada ao açaí da palmeira juçara, para evitar a monocultura. (MARTINS, 2020).
A comercialização de produtos agroecológicos está vinculada a iniciativas inovadoras de organização ao exemplo das cooperativas, que segundo Nierdele (2021), apesar das fragilidades enfrentadas devido às pressões do modelo hegemônico, vêm alterando a conformação atual do sistema alimentar.

A COOMAFITT foi criada em 2006, por um coletivo de 27 agricultores familiares de três municípios com o objetivo de promover troca de informações e facilitar o acesso a diferentes mercados de comercialização. O comércio de produtos da agricultura familiar iniciou-se sem anseios agroecológicos, mas as compras públicas (Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e PNAE) com preços diferenciados para produtos ecológicos e orgânicos os estimulou a optar pela agroecologia. Hoje, a cooperativa reúne seis grupos de produtores: bananeiros convencionais e orgânicos, tomateiros, hortigranjeiros orgânicos e de agroindústrias (Niederle et al., 2021). Por meio do PAA,

agricultores da COOMAFITT atendiam a um grupo hospitalar de Porto Alegre, o restaurante universitário da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e três prefeituras do Litoral Norte. Já por meio do PNAE seus alimentos eram entregues a 15 municípios. Por outro lado, a COOPVIVA, com 53 associados na época, via PAA, abastecia os municípios de São Leopoldo e Porto Alegre, e por meio do PNAE fornecia alimentos para nove municípios da região. Somando o trabalho das duas cooperativas, 65 mil pessoas foram beneficiadas por meio do PAA e 350 mil pelo PNAE. (MEDEIROS et al., 2018).

Durante o período mais restritivo da pandemia, de março até setembro de 2020, ocorreram diversas modificações nas atividades ligadas ao abastecimento alimentar na região.

Um sócio da COOMAFITT alega que o início da pandemia foi *"um choque"* devido ao faturamento abaixo do esperado. O abastecimento da alimentação escolar deixou de acontecer, devido ao não funcionamento das escolas, fazendo com que os cooperados buscassem parcerias com outros mercados. Desde 2011 a COOPVIVA comercializava, através do PNAE, cerca de 40 produtos (feijão, cebola, banana, laranja de suco, bergamota, entre outros) e para os supermercados apenas 25% de sua produção. Durante o primeiro ano da pandemia, o PNAE foi totalmente interrompido e a cooperativa se manteve com vendas aos supermercados. A primeira iniciativa dos cooperados da COOPVIVA foi montar e entregar as cestas com auxílio de nutricionistas da prefeitura. Eram cerca de 1.300 cestas por mês apenas para Cidreira e Pinhal.

A loja do Centro Ecológico esteve fechada por 15 dias, assim como as feiras agroecológicas por ele abastecidas. O número de clientes diminuiu, e em seguida a demanda aumentou, surpreendendo os agricultores. No início da pandemia houve uma alta demanda e depois uma diminuição à medida que as pessoas começaram a ir aos supermercados. Após o aumento inicial, pensou-se que as vendas seriam fáceis, mas relataram que "*foi muito mais trabalhoso"* e os preços tiveram que ser alterados. Para alguns a banana orgânica precisou ser vendida pelo mesmo valor que os produtos convencionais.

Após o período inicial de fechamento dos locais de venda, aconteceram diversas adaptações ou inovações: doações de cestas de produtos para crianças provenientes de famílias mais vulneráveis; entrega de cestas ou produtos aos consumidores no local da feira, em pontos de encontro ou em domicílio; recolhimento de pedidos por via digital: usando aplicativos como Whatsapp, ou até páginas e *websites*.

Segundo um sócio da COOMAFITT a ideia das cestas surgiu de uma parceria com a Associação de Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ADUFRGS). Após dois ou três meses de pandemia, as cestas passaram a ser distribuídas, nas escolas, para as famílias dos estudantes mais vulneráveis. Todas as demandas do PAA se converteram em cestas, já do PNAE a maioria das prefeituras pediam pelas cestas.

De acordo com um feirante do Centro Ecológico de Torres no período em que não havia feira, marcavam-se pontos de encontro para entrega aos consumidores. Com a reabertura das feiras, estas passaram a ser *"locais de entrega de cestas"* e não mais um espaço de comércio. Apesar do aumento na quantidade de alimentos adquiridos, o contato entre quem produz e quem compra mudou muito. Douglas (produtor e vendedor), qualifica como *"o melhor ano de vendas para os feirantes"*, pois antes não sabiam quanto da produção seria vendida no dia. Com o sistema de entregas, os pedidos eram organizados antes e tudo era entregue. Um técnico da Emater de Maquiné, em novembro de 2021, relatou que alguns municípios pararam com as feiras e outros as diminuíram. Em algumas feiras as vendas aumentaram, depois houve uma estabilidade e por fim uma diminuição. Os agricultores mais jovens se mostraram proativos e ágeis para dialogar com os consumidores e os demais produtores, pensando em soluções. André Gonçalves, do Centro Ecológico de Torres, relata que *"saíram da função de vendedores das bancas e passaram a gerir o Whatsapp ou instagram, vendendo de casa em casa".*

Uma alternativa encontrada por vendedores e consumidores foi a comercialização digital. Tal processo é caracterizado por Schneider et al. (2020) como uma *"digitalização do abastecimento*". As compras virtuais passam a ser organizadas e agendadas por aplicativos, como Whatsapp, ou outros caracterizados como *"feiras virtuais".* Essas vendas online são organizadas pela criação de cestas com preços fixos ou que podem ser montadas a partir de uma lista de produtos. Esses alimentos podem ser entregues na casa dos consumidores, ou em pontos fixos. Os agricultores que já estavam inseridos em associações ou redes de comercialização de alimentos, puderam se adequar com mais facilidade a esse novo sistema (SCHNEIDER et al., 2020). "*Iniciativas tais como cestas de alimentos entregues em casa e estratégias de difusão através de redes sociais têm sido utilizadas por organizações de agricultores como uma alternativa para o escoamento da produção"* (CAVALLI et al., 2020). *"Neste tipo de iniciativa, a agricultura familiar, especialmente aquela com uma base agroecológica, forma uma rede alternativa de circuitos curtos de produção e venda e se fortalece quando forma parcerias associativas e é fomentada por políticas públicas"* (Darolt apud CAVALLI et al. 2020).

A COOMAFITT, face às demandas reduzidas do PAA e suspensas do PNAE, cancelou suas atividades externas e manteve apenas sua organização interna. A cooperativa criou o *"Projeto Fitt Delivery"* um aplicativo de mensagens que passou a oferecer cestas com entrega à domicílio nos municípios da região do Litoral Norte (Haas; König, 2020 apud Niederle et al., 2021). Após resultados positivos, lançou, em 2021, uma loja virtual, ampliando sua área de entrega também para Porto Alegre e região Metropolitana. Em junho do mesmo ano a COOMAFITT contabilizava 278 sócios, sendo 170 famílias associadas, que comercializam cerca de 6,4 mil toneladas de alimentos por ano e uma diversidade de mais de 80 produtos (banana, agroindustrializados a partir da banana, laranja, bergamota, açúcar mascavo, melado, mel, hortaliças e legumes, panificados e minimamente processados) sendo parte deles orgânicos ou agroecológicos (Niederle et al., 2021). O projeto de comunicação de vendas via Whatsapp, oferecia quatro opções: Cesta Popular da Agricultura

Familiar,
Cesta de Hortaliças e Frutas, Cesta Orgânica, Cesta Diversa, Cesta Feirinha e Cesta Kit da Agricultura Familiar. Com a possibilidade de adicionar itens como mel, polpas, ovos, geleias e outros. A comunicação se dava por meio do preenchimento de um formulário do Google Forms, com dados pessoais, endereço para a entrega, qual cesta, possíveis itens extras, telefone para contato e forma de pagamento, devendo ser feitos até as 12 horas das terças-feiras para serem entregues nas quintas-feiras, abrangendo Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas, Capão da Canoa, Tramandaí, Osório, Imbé, Xangri-lá, Arroio do Sal e Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre.

Entre abril e setembro de 2020, houve a venda digital de 2.500 cestas, com uma média semanal de 97 cestas. Em setembro de 2020, a cooperativa lançou uma nova plataforma de comercialização *"Armazém da Agricultura Familiar- Agrifam"* onde os consumidores passaram a ter a opção de escolher entre verduras, legumes, frutas, chás, grãos, alimentos descascados e congelados (seleta de legumes e kit sopa). As informações foram melhor gerenciadas por meio de tabelas do Excel extraídas do *e-commerce*. Passaram também a receber pedidos de cestas do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Osório, da Associação Nascente Maquiné (ANAMA), da ADUFRGS e do Sindbancários. (Niederle et al., 2021)

Em 2021 a COOMAFITT iniciou uma parceria com a Cooperativa GiraSol de Porto Alegre - RS para comercializar produtos no período de verão do Litoral Norte do RS, com a campanha *"Projeto Verão Saudável".* Organizaram, também, uma terceira plataforma, vinculada ao site da cooperativa, em *"Loja Virtual"*, com entregas em 11 municípios: Torres, Arroio do Sal, Capão da Canoa, Xangri-lá, Três Forquilhas, Terra de Areia, Itati, Maquiné, Imbé, Tramandaí, Osório.

Conclusões

No Litoral Norte a agricultura familiar agroecológica foi marcada pela organização em torno da distribuição de cestas de alimentos entregues à domicílio, como uma alternativa para o escoamento da produção.

Após abril de 2022 os feirantes já sentiam a diferença em relação ao início da pandemia. O confinamento inicial foi marcado por compras desenfreadas de produtos no geral, devido ao medo de escassez, à incerteza da volta da "normalidade" e à necessidade de permanecer em casa e cozinhar as próprias refeições. Além disso, a busca por alimentos mais saudáveis, no caso orgânicos e agroecológicos, também aumentou, pois a população, assolada por uma doença nunca vista antes, passou a buscar cuidar melhor da saúde. Após algum tempo da pandemia, a crise social, que ocasionou aumento do desemprego, associada à crise financeira, que inflacionou o preço dos alimentos, influenciaram na diminuição do *boom* inicial de compras. Um exemplo é a COMAFITT não ter conseguido manter suas plataformas de vendas online. Cabe ressaltar, portanto, que as iniciativas e organização dos produtores e feirantes foi determinante para manter o mínimo de fornecimento alimentar e

resiliência do setor, apesar de não serem completamente efetivas durante todo o período.

Agradecimentos

Os agradecimentos vão para Catia Grisa e Paulo Niederle, pela parceria do projeto e realização das entrevistas. Ao CIRAD pelo suporte para a análise de dados e pesquisa bibliográfica durante o estágio, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) instituição de origem da autora, pela oportunidade de realização do intercâmbio de graduação sanduíche, na França, via BRAFITEC.

Referências bibliográficas

MARTINS, Gustavo. **Agroecologia no Litoral Norte do Rio Grande do Sul: Interpretações de um processo social emergente.** Eixo Temático: Economias dos sistemas agroalimentares de base agroecológica. Cadernos de Agroecologia –ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

Medeiros M., Antonio Cazella A., Tecchio A., Cortes G. **Políticas Públicas e a Construção de Mercados Agroalimentares Territorializados no Sul do Brasil**. Revista grifos, vol. 27, núm. 45, 2018 Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Brasil. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=572960989004

NIEDERLE P., SABOURIN E., SCHMITT C., AVILA M., **A trajetória brasileira de construção de políticas públicas para a agroecologia.** Redes (Santa Cruz do Sul. Online), v. 24, n. 1, p. 270 - 291, janeiro-abril, 2019. ISSN 1982-6745. https://www.researchgate.net/publication/330425480_A_trajetoria_brasileira_de_construcao_de_politicas_publicas_para_a_agroecologia

NIEDERLE P., SCHNEIDER S., CASSOL A., **Mercados alimentares digitais: inclusão produtiva, cooperativismo e políticas públicas.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2021. 382 p.: pdf

SCHNEIDER S., CASSOL A., LEONARDI A., MARINHO M., **Os efeitos da pandemia da Covid - 19 sobre o agronegócio e a alimentação.** ESTUDOS AVANÇADOS 34 (100),2020. p. 167 - 188